

A tradução de itens culturais-específicos (ICEs) em um livro-reportagem sobre a História do Brasil /

The translation of culture-specific items (CSIs) in a non-fiction book about Brazilian History


*Paula Giacobbo**

Graduada em Letras/PUCRS e Mestra em Letras/UFRGS, na linha de pesquisa Lexicografia, Terminologia e Tradução: Relações Textuais.

 <https://orcid.org/0000-0002-5913-6303>

*Patrícia Chittoni Ramos Reuillard***

Professora do Departamento de Línguas Modernas e do Programa de Pós-Graduação do Instituto de Letras/UFRGS; Mestre em Letras/PUCRS, Doutorado-sanduíche/Sorbonne Nouvelle Paris III, Doutorado em Letras/UFRGS e Pós-Doutorado em Sociologia da Tradução/Sorbonne Nouvelle. Atua nas áreas de Tradução e Terminologia.

 <https://orcid.org/0000-0002-3643-3209>

Recebido: 06 mar. 2020. **Aprovado:** 25 mar. 2020.

Como citar este artigo:

GIACOBBO, Paula; REUILLARD, Patrícia Chittoni Ramos. A tradução de itens culturais-específicos (ICEs) em um livro-reportagem sobre a história do Brasil. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 9, n. 4, p. 185-204, dez. 2020.

RESUMO

Este artigo apresenta uma pesquisa de Mestrado sobre problemas de tradução originados por itens culturais-específicos (ICEs) do português brasileiro para o inglês estadunidense. Adotou-se, portanto, a perspectiva de tradução de Hurtado Albir (2011) e o conceito de função de Nord (2016); o termo ICE provém de Franco Aixelá (2013). Partiu-se do levantamento de candidatos a ICE do livro *1808*, publicado no Brasil, para, depois, categorizá-los; procedeu-se ainda ao levantamento de suas traduções para o inglês e, após, a uma filtragem. A análise consistiu principalmente em classificar estratégias de tradução utilizadas (FRANCO AIXELÁ, 2013): de conservação (empregadas 245 vezes) e de substituição (113 vezes). O maior uso de estratégias de conservação pode dar a impressão de que o texto não apresenta uma linguagem acessível para o leitor estadunidense, porém se observou

*

 paula.giacobbo@gmail.com

**

 patricia.ramos@ufrgs.br

que estratégias de conservação como a tradução linguística, a explicação intratextual e a adaptação ortográfica podem ser benéficas no sentido de ajudar o leitor a compreender o ICE. A repetição, estratégia mais utilizada na tradução dos ICEs na obra *1808*, ocorre em muitos contextos em que já há informações sobre a palavra ou expressão no texto em português. É esperado, também, em uma obra sobre a história do Brasil, que o leitor estadunidense passe a conhecer mais sobre a cultura brasileira, ao mesmo tempo em que se tenta facilitar esse processo. O tradutor parece fazer isso, considerando, além do público, o gênero textual e a finalidade da tradução/função da obra.

PALAVRAS-CHAVE: Tradução; Itens culturais-específicos; Estratégias de conservação; Estratégias de substituição.

ABSTRACT

This article presents a Master's research on translation problems caused by culture-specific items (CSIs), from Brazilian Portuguese to American English. The theoretical basis was Hurtado Albir's (2011) perspective of translation and Nord's (2016) concept of function. The term "CSI" was created by Franco Aixelá (2013). The first step was identifying prospective CSIs in the book *1808*, published in Brazil; then categorizing them; collecting their translations to English; and filtering them. The analysis consisted mainly of classifying the translation strategies used (FRANCO AIXELÁ, 2013): strategies of conservation (used 245 times) and strategies of substitution (113 times). The larger use of strategies of conservation can give the impression that the text does not present an accessible use of language to the North American reader, however it was observed that strategies of conservation like linguistic (non-cultural) translation, intratextual gloss and orthographic adaptation can help the reader to understand the CSI. Repetition, the most used strategy in the translation of the book *1808*, occurs in a lot of contexts that there already is information about the word or expression in the text in Portuguese. It is hoped, also, that, in a book about Brazilian history, the North American reader starts to know more about Brazilian culture, at the same time that the translator tries to make this process easier, and this translator seems to do that, considering not only the audience, but also the textual genre and the finality of the translation/function of the book.

KEYWORDS: Translation; Culture-specific items; Strategies of conservation; Strategies of substitution.

1 Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar os principais pontos de uma dissertação sobre os problemas de tradução engendrados por itens culturais-específicos (ICEs) do português brasileiro para o inglês estadunidense. Nela, foi analisada a tradução de ICEs presentes no livro-reportagem *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*¹, de Laurentino Gomes. A narrativa busca compartilhar, com leitores leigos, conhecimentos sobre a época em que a corte portuguesa veio ao Brasil: o autor afirma que um de seus objetivos é "tornar esse pedaço da história brasileira mais acessível para leitores que se interessam pelos acontecimentos do passado" (GOMES, 2007, p. 19-20).

Adotou-se, para tanto, a perspectiva de tradução de Hurtado Albir (2011), que sugere que um tradutor precisa considerar o gênero textual, o público-alvo e a finalidade de tradução. A função, segundo Christiane Nord (2016), também foi relevante para a construção da pesquisa. A

¹ Doravante referido como *1808*.

função é o que será transmitido a partir do texto², já a finalidade é a intenção da tradução (HURTADO ALBIR, 2011). Entendeu-se que a função da obra *1808* é apresentar a história de maneira acessível para um público amplo e leigo, e que a finalidade também é essa, mas direcionando o texto ao público estadunidense. Em entrevista para a *Revista Regional*, Laurentino Gomes aborda o desafio da tradução da história brasileira para leitores americanos: “(...) O texto precisa ficar mais didático e acessível do que no original porque, lá fora, infelizmente, as pessoas conhecem muito pouco a respeito de nós. (...) Foi preciso levar tudo isso em conta na hora de traduzir o livro ‘1808’, tarefa desempenhada com maestria pelo linguista Andrew Nevins (...)” (SCARAVELLI, 2013). Em suma, é necessário prever o público-alvo da tradução, de modo que o perfil do leitor estadunidense, imerso em uma cultura hegemônica, também foi considerado na presente análise.

Após essa breve apresentação da função, da finalidade e do público-alvo referentes à obra *1808*, resta abordar o gênero textual da referida obra: o livro-reportagem. Segundo Lima (1993), o livro-reportagem tem o objetivo de ser mais aprimorado do que o jornalismo convencional, trazendo o conteúdo de forma mais profunda e contextualizada para os leitores, e essa atitude condiz com a intenção demonstrada por Gomes (2007) ao introduzir seu livro.

Como as escolhas de um tradutor dependem também do quão especializado é o texto, foi analisado o grau de especialidade textual do livro *1808* com base em Ciapuscio (2003). Após a verificação de quatro níveis: funcional (função do texto), situacional (situação comunicativa), de conteúdo semântico (conteúdo do texto e como ele está sendo abordado) e formal-gramatical (estilo do texto dependendo do gênero e seus aspectos gramaticais, como conjugação verbal utilizada), a análise apontou que o grau é baixo.

Cada nível apresenta pontos a serem analisados. O nível funcional, por exemplo, abrange quatro funções: expressar, sobre o modo do autor se expressar ou se manifestar; contatar, sobre o contato mantido com o leitor; informar, sobre o envio e o recebimento da informação; e dirigir, sobre a atitude que se espera que o leitor tome a partir de determinada leitura. Podendo o texto apresentar mais de uma função, há funções dominantes, subsidiárias e complementárias³. O livro-reportagem *1808*, como um texto jornalístico, tem a função dominante

² De acordo com Nord (2016), a função de um texto se concretiza em sua recepção. Assim, comenta-se sobre a função somente a partir da ideia relacionada ao objetivo de um texto e analisa-se se há respeito à função na tradução com base apenas no que parece ter cumprido o objetivo do texto ou não.

³ Ver Ciapuscio (2003) e xxx (2017).

de informar e, por conter elementos que direcionem o leitor a se interessar pelo assunto, a função subsidiária de dirigir.

Na próxima seção, apresentamos a seguir o conceito de itens culturais-específicos (ICEs), que deu origem à análise.

2 Itens culturais-específicos (ICEs) e estratégias de tradução

Na dissertação referida, para justificar a escolha do conceito e do termo ICEs, apresentam-se também outras abordagens relacionadas ao estudo de palavras e expressões sem referentes precisos na língua-alvo: “palavras culturais” ou “termos culturais”⁴ (NEWMARK, 2010); “culturemas”, termo supostamente cunhado por Vermeer (1983), segundo Xatara e Riva (2015); e “marcadores culturais específicos” (MCEs)⁵ (HERRERO RODES, 1999), o que complementa, nesse ínterim, a pesquisa.

De acordo com Franco Aixelá (2013), ICEs são

Aqueles itens textualmente efetivados, cujas conotações e função em um texto fonte se configuram em um problema de tradução em sua transferência para um texto alvo, sempre que esse problema for um produto da inexistência do item referido ou de seu status intertextual diferente no sistema da cultura dos leitores do texto alvo. (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 193)

Assim, escolheu-se o termo ICEs, de Franco Aixelá (2013), pois seriam selecionadas palavras e expressões a partir do que o contexto, ou seu valor na cultura estadunidense, revelaria sobre elas. Como exemplo de ICE presente na obra *1808*, pode-se mencionar a palavra “charque”: considerando que, na culinária norte-americana, não existe um alimento com as mesmas características de produção e de consumo, pode-se tomar a palavra “charque” como um exemplo de item cultural-específico⁶.

Franco Aixelá (2013) divide os ICEs em dois grupos: os nomes próprios e as expressões comuns, as quais foram denominadas dessa forma “por falta de um termo melhor para abranger o mundo de objetos, instituições, hábitos e opiniões, restritos a cada cultura e que não podem ser incluídos no campo dos nomes próprios” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 194). O autor também

⁴ “Palavras culturais” e “termos culturais” são traduções presentes em Bertoldi (2016).

⁵ “Marcadores culturais específicos” é uma tradução presente na dissertação abordada.

⁶ Para ampliar a discussão, ver xxx (2017).

aponta dois tipos de nomes próprios, com base em Theo Hermans (1988): os convencionais e os carregados. O primeiro tipo refere-se a nomes sem significado próprio, e o segundo a nomes e apelidos com significado, sugestivos ou expressivos, ficcionais ou não (FRANCO AIXELÁ, 2013). “João” é um exemplo de nome próprio convencional, e “Frei Caneca” é um exemplo de nome próprio carregado, pois há um significado envolvido nesse apelido (explicado mais adiante no artigo).

Além de apresentar os ICEs, o autor refere-se a diferentes estratégias empregadas para solucionar os problemas de tradução encontrados, que denomina estratégias de conservação e de substituição. A seguir, elas serão apresentadas, porém, antes disso, como as estratégias têm a função de solucionar problemas de tradução⁷, faz-se importante trazer um dos tópicos citados por Waquil (2017, p. 78), delimitando problemas de tradução, os quais “representam obstáculos para a realização de uma tarefa tradutória”⁸. No exemplo citado acima, a palavra “charque” configura-se como um problema de tradução, porque não há, na cultura norte-americana, um referente que encerre o mesmo valor de nosso charque e que tenha todas suas características (modo de preparação, histórico na cultura brasileira, momentos e modos de consumo etc.).

Associaram-se às estratégias de Aixelá, quando cabível, as técnicas de tradução de Hurtado Albir (2011) (são elas: adaptação, ampliação linguística, amplificação, decalque, compensação, compressão linguística, criação discursiva, descrição, elisão, equivalente consagrado, generalização, modulação, particularização, empréstimo, substituição, tradução literal, transposição e variação⁹). Apresentamos a seguir as estratégias acompanhadas de exemplos extraídos do *corpus* de pesquisa e as técnicas que foram associadas a cada uma.

2.1 Estratégias de conservação

Para Franco Aixelá (2013), as estratégias de conservação são aquelas em que o tradutor opta por escolhas mais próximas da língua-fonte. Podem ser de vários tipos: repetição, adaptação ortográfica, tradução linguística (não cultural), explicação extratextual e explicação intratextual.

⁷ Essa afirmação é baseada em Waquil (2017), que se fundamenta em Hurtado Albir (2013), Grupo PACTE (2011), Löscher (1991) e Chesterman (1997).

⁸ A noção de problema ainda precisa de maior estabilidade nos estudos tradutológicos. Recomenda-se o trabalho de Waquil (2017) para uma discussão sobre a questão.

⁹ Para os nomes em português das técnicas de Hurtado Albir (2011), o presente estudo baseou-se no trabalho de Waquil (2013).

- Repetição: o ICE é repetido ou reproduzido com o mínimo de mudanças.

Quadro 1: Exemplo de repetição – “Rua da Preguiça” para “Rua da Preguiça”

“(…) e seguiu pela Rua da Preguiça (…)” (GOMES, 2007, p. 112).	“(…) and proceeded along the Rua da Preguiça (…)” (GOMES, 2013, p. 62).
---	--

Fonte: elaborada pelos autores (2020).

Técnica correspondente: empréstimo puro. Para Hurtado Albir (2011) há dois tipos de empréstimo, puro (a palavra é mantida sem alterações) e naturalizado (a palavra passa por uma transliteração). Como o ICE está igual na tradução, considera-se que a estratégia de repetição foi utilizada, assim como a técnica de empréstimo (puro, no caso).

- Adaptação ortográfica: o ICE passa por adaptações, como o uso de regras ortográficas da língua-alvo ou, em um par de línguas com alfabetos diferentes, mudança para o alfabeto-alvo.

Quadro 2: Exemplo de adaptação ortográfica – “baiano” para “Bahian”

“(…) ao descobrir que estava nas imediações do litoral baiano (…)” (GOMES, 2007, p. 106).	“(…) discovering that they were nearing the Bahian coast (…)” (GOMES, 2013, p. 58).
--	--

Fonte: elaborada pelos autores (2020).

Técnica correspondente: empréstimo naturalizado. Como o ICE passou por essas alterações, condizentes com o sistema escrito da língua-alvo, considera-se que a estratégia de adaptação ortográfica foi utilizada, assim como a técnica de empréstimo (naturalizado, no caso).

- Tradução linguística (não cultural): o ICE é traduzido para “uma referência denotativa muito próxima do original” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 197). Pode ser uma palavra ou expressão já inserida no país de chegada ou criada a partir da transparência do ICE.

Quadro 3: Exemplo de tradução linguística (não cultural) – “caju” para “cashews”

“Com uma carga de caju (…)” (GOMES, 2007, p. 109).	“Carrying a load of cashews (…)” (GOMES, 2013, p. 60).
---	---

Fonte: elaborada pelos autores (2020).

Técnica correspondente: decalque. “Cashews” é uma palavra já existente na língua-alvo, a qual considera-se essa referência denotativa próxima à palavra “caju”¹⁰. Da mesma forma, considera-se “cashews” um decalque.

- Explicação extratextual e explicação intratextual: abordaram-se essas estratégias no mesmo tópico para discutir alguns aspectos. Segundo Franco Aixelá (2013), a explicação extratextual é quando uma das estratégias anteriores ocorre e adiciona-se algum elemento explicativo que não esteja misturado com o texto, embora o autor traga os seguintes exemplos: “nota de rodapé, nota de fim, glossário, comentário/tradução entre parênteses, em itálico, etc.” (FRANCO AIXELÁ, 2013, p. 198). Não se considerou clara a menção de comentário/tradução entre parênteses e itálico, já que se trata de elementos inseridos no texto.

Apesar da falta de clareza, acredita-se que essa estratégia ocorre apenas fora do texto, com base em alguns indicativos: o nome da estratégia; o fato de Franco Aixelá (2013) ter mencionado um caso de nota de tradutor na obra que usa como objeto de estudo de seu artigo e o fato de Menegotto (2016) ter explicado a estratégia dessa forma. Quanto à explicação intratextual – elementos explicativos contidos no corpo do texto –, Franco Aixelá (2013) não apresenta exemplos que esclareçam essa questão, apontando apenas casos que tornam o ICE mais explícito, como colocar “hotel” em frente ao nome de um hotel.

Quadro 4: Exemplos de explicações extratextual e intratextual

Explicação extratextual		Explicação intratextual	
Ela gosta de tomar chimarrão ¹¹ .	She likes to drink chimarrão. Em nota de rodapé, o tradutor explicaria “chimarrão”: “Hot beverage typical of Rio Grande do Sul” ¹² .	“(…) tinha um apelido engraçado, Padre Perereca (…)” (GOMES, 2007, p. 140).	“He also had a funny nickname: <i>Padre Perereca</i> – Father Tree Frog (…)” (GOMES, 2013, p. 85).

Fonte: elaborada pelos autores (2020).

Técnica correspondente: ambas as estratégias correspondem à amplificação. Hurtado Albir (2011) não faz essa distinção, tanto elementos explicativos dentro do texto quanto fora fazem parte da técnica de amplificação.

¹⁰ Para ampliar a discussão, ver xxx (2017, p. 103).

¹¹ Como não foi encontrada uma explicação extratextual na obra 1808, criou-se um exemplo.

¹² Bebida quente típica do Rio Grande do Sul.

2.2 Estratégias de substituição

Para Franco Aixelá (2013), as estratégias de substituição são aquelas em que o tradutor opta por escolhas mais próximas da língua-alvo. Podem ser de vários tipos: sinônimos, universalização limitada, universalização absoluta, naturalização, eliminação e criação autônoma.

- Sinônimos: conforme Franco Aixelá (2013, p. 199), recorre-se “a algum tipo de sinônimo ou referência paralela”.

Quadro 5: Exemplo de sinônimos – “Praça do Paço” para “Royal Palace”

“(…) situado bem em frente à Praça do Paço (…)” (GOMES, 2007, p. 301).	“(…) in front of the Royal Palace (…)” ¹³ (GOMES, 2013, p. 215).
--	---

Fonte: elaborada pelos autores (2020).

Não há técnica correspondente. Dentre as técnicas de Hurtado Albir (2011), não se encontrou uma que correspondesse à estratégia de sinônimo. Considerou-se o exemplo uma referência paralela (que o tradutor utilizou para ser mais econômico, supõe-se) e, portanto, a estratégia de sinônimo.

- Universalização limitada: o ICE é substituído por outro ICE da língua-fonte, mas menos específico e considerado mais familiar ao público da tradução.

Quadro 6: Exemplo de universalização limitada – “pernambucanas” para “in Pernambuco”

“cidades pernambucanas” (GOMES, 2007, p. 285).	“cities in Pernambuco” (GOMES, 2013, p. 204).
--	---

Fonte: elaborada pelos autores (2020).

Técnica correspondente: generalização. “Pernambuco” ainda é um ICE da língua-fonte, mas acredita-se que há mais chances de o leitor norte-americano compreender do que utilizando “pernambucanas”. Utilizou-se um ICE mais geral, portanto também é possível classificar como a técnica de generalização. Para essa técnica, Hurtado Albir (2011) não faz a distinção entre generalizações mais ou menos próximas da língua-alvo, como faz Franco Aixelá (2013).

¹³ Paço Real. Considerou-se a praça e o palácio como sinônimos por localizarem o leitor em um ponto de referência muito similar.

- Universalização absoluta: o ICE é substituído por uma palavra/expressão menos específica; dessa vez, não há ligação com a língua-fonte.

Quadro 7: Exemplo de universalização absoluta – “gaúcho” para “Brazilian”

“(…) jornalista gaúcho Hipólito José da Costa (...)” (GOMES, 2007, p. 75).	“(…) Brazilian journalist Hipólito da Costa (...)” (GOMES, 2013, p. 37).
--	--

Fonte: elaborada pelos autores (2020).

Técnica correspondente: assim como a universalização limitada, corresponde à generalização. “Brazilian” é mais geral que “gaúcho”, não há ligação com a língua-fonte, porque não se trata propriamente de algo particular da cultura brasileira, mas do próprio adjetivo que remete ao Brasil.

- Naturalização: o ICE é substituído por um ICE da cultura-alvo.

Quadro 8: Exemplo de naturalização – “cachaça” para “rum”

“(…) reabastecimento de água potável, charque, açúcar, cachaça (...)” (GOMES, 2007, p. 153).	“(…) restocking potable water, jerky, sugar, rum (...)” (GOMES, 2013, p. 101).
--	--

Fonte: elaborada pelos autores (2020).

Técnica correspondente: adaptação. Cachaça não é o mesmo que rum, trata-se de um ICE brasileiro que foi substituído por um ICE da cultura-alvo¹⁴. Pode-se classificar essa troca como estratégia de naturalização, assim como técnica de adaptação.

- Eliminação: o ICE é eliminado na tradução.

Quadro 9: Exemplo de eliminação – “Praça 15 de Novembro” é apagado.

“A multidão que aguardava na rampa do cais, em frente à atual Praça 15 de Novembro, incluía vereadores (...)” (GOMES, 2007, p. 146).	“The crowd that gathered on the ramps of the dock included aldermen (...)” (GOMES, 2013, p. 91).
--	--

Fonte: elaborada pelos autores (2020).

Não há técnica correspondente. Hurtado Albir (2011) apresenta uma técnica parecida, a elisão; a diferença é que a elisão consiste no apagamento de elementos informativos referentes

¹⁴ Para ampliar a discussão, ver xxx (2017).

ao ICE. Como o ICE “Praça 15 de Novembro” foi excluído na tradução, considera-se que o tradutor utilizou a estratégia de eliminação.

- Criação autônoma: há a inserção de uma referência inexistente no texto original, a qual pode ser, por vezes, inusitada. Considerou-se o exemplo a seguir como uma união de repetição com criação autônoma.

Quadro 10: Exemplo de criação autônoma (+ repetição) – “lutadores de capoeiras” para “capoeira matches”¹⁵

“(…) símbolo dos lutadores de capoeiras (…)” (GOMES, 2007, p. 232).	“(…) a symbol of capoeira matches (…)” (GOMES, 2013, p. 164).
--	--

Fonte: elaborada pelos autores (2020).

Técnica correspondente: a criação discursiva pode ser uma técnica correspondente, mas não no caso desse exemplo. Hurtado Albir (2011, p. 270) explica a criação discursiva de uma forma um tanto extrema: “uma equivalência efêmera, totalmente imprevisível fora do contexto”¹⁶. Assim, acredita-se que toda criação discursiva pode ser uma criação autônoma, mas nem toda criação autônoma pode ser uma criação discursiva. No exemplo, considera-se uma estratégia de criação autônoma (com repetição), pois o tradutor fez uma criação, utilizou a palavra “matches”, com sentido diferente de “lutadores”, mas a escolha não chega a ser imprevisível fora do contexto.

Há ainda três estratégias que não foram aprofundadas por Franco Aixelá (2013) e que também não foram utilizadas nesse trabalho: compensação, deslocação e atenuação. Por fim, adiciona-se que, segundo Franco Aixelá (2013), o tradutor pode unir estratégias para traduzir um ICE.

3 Metodologia

Neste tópico, apresentam-se os passos metodológicos para se chegar à análise da tradução de ICEs da obra *1808*. Inicialmente, levantaram-se os candidatos a ICE nos vinte e nove capítulos da obra por dois motivos: a falta de uniformidade na divisão de candidatos entre os capítulos e o fato de que, às vezes, um candidato que ocorre mais de uma vez apresenta

¹⁵ “Capoeira matches” é mais próximo a “rodas de capoeira” do que a “lutadores de capoeira”, no sentido de que “matches” pode significar “lutas”, “jogos”, “partidas”, etc.

¹⁶ Tradução para o português retirada da dissertação abordada.

diferentes traduções. Destacou-se manualmente cada palavra/expressão que parecia encaixar na definição de ICE de Franco Aixelá (2013), pois, considerando o baixo grau de especialidade do livro e o caráter pouco terminológico dos candidatos, acreditou-se que esse seria o modo mais produtivo de seleção na dissertação abordada.

A fim de verificar se havia algum padrão na distribuição dos candidatos a ICEs, seguiu-se a proposta de Espindola (2005), que estabeleceu doze categorias: 1) topônimos; 2) antropônimos; 3) formas de entretenimento; 4) meios de transporte; 5) personagens fictícios; 6) sistema jurídico brasileiro; 7) instituições locais; 8) sistema de medidas; 9) comida e bebida; 10) sistema educacional; 11) celebrações religiosas; e 12) dialeto¹⁷. Comparou-se também a proposta às categorias mencionadas por Franco Aixelá (2013), para complementar o processo de categorização:

Quadro 11: Comparação entre as categorias culturais de Franco Aixelá (2013) e as de Espindola (2005).

Franco Aixelá (2013)		Espindola (2005)
Nomes próprios	Convencionais e carregados	- Antropônimos
		- Personagens fictícios (apenas seus nomes e apelidos)
Expressões comuns	Instituições	Instituições locais
	Hábitos	- Celebrações religiosas - Formas de entretenimento (às vezes)
	Objetos e opiniões	--

Fonte: xxx, 2017, p. 75.

Após a verificação do que havia em comum entre os dois conjuntos de categorias e quais categorias ainda poderiam ser adicionadas, foi necessário selecionar apenas aquelas que condiziam com os candidatos e, se possível, ampliar seus conteúdos e criar outras – tudo para que o conjunto final de categorias pudesse abarcar especificamente o objeto de estudo. Esse processo levou a um conjunto final de dezesseis categorias culturais: 1) topônimos; 2) antropônimos; 3) formas de entretenimento; 4) moeda; 5) sistema jurídico e administrativo; 6) locais; 7) sistema de medidas; 8) comida e bebida; 9) hábitos; 10) objetos; 11) expressões; 12) gentílicos; 13) meios de comunicação escrita; 14) acontecimento histórico; 15) ocupações/etnias; e 16) línguas.

Com um quadro pronto para os candidatos em português (separados por capítulos nas linhas e por categorias nas colunas), fez-se o mesmo para suas traduções. Os quadros eram

¹⁷ Os nomes em língua portuguesa dessas categorias são de Menegotto (2016).

descontextualizados para que fosse possível ter apenas uma visão inicial dos candidatos e de seus referentes ao todo. Por fim, foram realizados dois tipos de filtragem: a seleção do que foi considerado ser ICE e, dentre esses, a seleção dos ICEs que seriam analisados. As traduções dos candidatos, muitas vezes, revelaram características relevantes para a filtragem: o fato de “quilombos” ter sido traduzido para “*Quilombos (marron settlements)*” (GOMES, 2013, p. 166) em sua primeira ocorrência, mostrando que, apesar de haver um referente em inglês, optou-se também pela permanência da palavra em português. A pesquisa em dicionários e na internet também foi fundamental para confirmar se alguns candidatos eram ICEs ou não. A segunda filtragem, selecionar ICEs a partir de todos os ICEs encontrados no livro, se deve à decisão de dedicar maior espaço a casos mais produtivos para a pesquisa e eliminar outros. Todos os dados da metodologia foram armazenados na ferramenta Word.

4 Análise

Para proceder à classificação dos ICEs encontrados, sempre que possível, mesmo que as traduções pudessem envolver mais de uma estratégia, escolheu-se apenas a que parecia ser predominante. Por exemplo: na tradução de “Revolta dos Alfaiates” para “1798 Tailors’ Revolt” há, pelo menos, duas estratégias, tradução linguística (não cultural) e explicação intratextual; escolheu-se a segunda porque o acréscimo de um novo elemento explicativo, a data, chama mais atenção do que a tradução para o inglês. Para este artigo, foram selecionadas quatro categorias das dezesseis analisadas e um ICE de cada uma das quatro. Apesar de os casos a seguir não apresentarem grande variedade de estratégias, foram selecionados por terem apresentado características dignas de destaque na pesquisa.

4.1 Acontecimento histórico

Quadro 12: Revolta dos Alfaiates.

“Havia sinais de descontentamento no ar. Uma tentativa de separação tinha acontecido dez anos antes, no movimento que ficou conhecido como Revolta dos Alfaiates” (p. 108).	“An attempt at secession took place ten years earlier, in the 1798 Tailors’ Revolt, and signals of discontent still floated in the air” (p. 59).	Explicação intratextual
“Na chamada Revolta dos	“In the so-called Tailors’	Tradução linguística (não cultural)

Alfaiates, ocorrida em Salvador em meados de 1798, os revoltosos afixaram manifestos manuscritos nos lugares públicos da cidade (...)” (p. 137).	Conspiracy, which took place in Salvador in the middle of 1798, the rebels promulgated manifestos in public places (...)” (p. 82).	
--	--	--

Fonte: xxx, 2017.

Foi possível classificar “1798 Tailors’ Revolt” como explicação intratextual, por se considerar “1798” um elemento explicativo. O ICE ocorre outras duas vezes no livro, e foi empregada a estratégia de tradução linguística (“Tailors’ Conspiracy”). Como a obra é direcionada a leitores leigos, acredita-se que padronizar esse nome evitaria o esforço cognitivo para o leitor para compreender que se trata do mesmo referente: escolher somente “Tailors’ Revolt” ou somente “Tailors’ Conspiracy” para todas as ocorrências.

4.2 Objetos

Quadro 13: Bacalhau

“Nas surras, usava-se a palmatória ou o bacalhau, chicote de cabo curto, de ouro ou madeira com cinco pontas de couro retorcido” (p. 250).	“Thrashings made use of a paddle or a ‘codfish,’ a whip with a short handle of gold or wood and five points of twisted leather” (p. 178).	Tradução linguística (não cultural)
--	---	-------------------------------------

Fonte: xxx, 2017.

Esse caso ilustra a importância do contexto na identificação de um ICE. Fora de contexto, a palavra poderia facilmente remeter ao peixe. A tradução aqui foi importante para a filtragem do que poderia ser considerado ICE: não foi encontrado um significado para “codfish”¹⁸, nem no *New Oxford American dictionary* nem no *Merriam-webster*, que remetesse ao instrumento de tortura; já no *Aulete digital*, encontrou-se esse significado para “bacalhau”.

4.3 Antropônimos

Quadro 14: Frei Caneca.

“Frei Caneca, o futuro líder da Confederação do Equador, participou dessa batalha” (p. 291).	“Brother Mug, future leader of the Confederation of Equator, among them” (p. 209).	Tradução linguística (não cultural)
--	--	-------------------------------------

Fonte: xxx, 2017.

¹⁸ Na língua inglesa, também é o nome do peixe bacalhau.

O pai de Frei Caneca trabalhava com a fabricação de barris e pipas de madeira, chamados popularmente de canecas, na época. O apelido “Frei Caneca” provém de uma mudança que o frei fez em seu nome para homenagear o pai, conhecido como o homem das canecas, ou Domingos Caneca (TERRA, 2001). Considerou-se o apelido um nome próprio carregado, por conter um significado, e avaliou-se como válida a tradução “Brother Mug”. Outro motivo para concordar com a tradução é o fato de que ela foi encontrada em outro texto, em língua inglesa: DeGoes (2015), em alguns momentos, acrescenta “Brother Mug” ao lado do apelido em português. O ICE ocorre outra vez no livro *1808*, e a tradução linguística também foi empregada.

4.4 Meios de comunicação escrita

Quadro 15: Correio Braziliense/Correio.

“Para fugir da censura, o <i>Correio Braziliense</i> , primeiro jornal brasileiro criado pelo jornalista gaúcho Hipólito José da Costa, em 1808, seria impresso e distribuído em Londres” (p. 75).	“To escape censorship, Brazilian journalist Hipólito da Costa published the <i>Correio Braziliense</i> , Brazil's first newspaper, in London in 1808” (p. 37).	Repetição
“O <i>Correio Braziliense</i> , que não apoiou a Independência brasileira, deixou de circular em dezembro de 1822” (p. 136).	O trecho em que o item está inserido foi apagado (p. 81).	Eliminação
“Esse número incluía periódicos ingleses, como o já venerável <i>The Times</i> , e também uma infinidade de jornais em língua estrangeira, ali publicados para fugir à censura e à perseguição em seus países de origem, caso do brasileiro <i>Correio Braziliense</i> , de Hipólito da Costa” (p. 205-206).	“This number included English periodicals, such as the venerable <i>Times</i> , as well as a plethora of foreign language newspapers, published there to evade censorship and persecution in their countries of origin, as was the case of the <i>Correio Braziliense</i> ” (p. 146).	Elisão

Fonte: xxx, 2017.

- “Correio Braziliense” ocorre outras oito vezes, e “Correio” ocorre duas. Em todas elas, a estratégia de repetição foi empregada. Como o contexto, já no texto original, esclarece o item, acredita-se que essa repetição não prejudica a compreensão do leitor.
- Pode-se ver a diferença entre eliminação, estratégia de Franco Aixelá (2013), e elisão, técnica de Hurtado Albir (2011): quando o item é eliminado, trata-se de uma eliminação, e

quando elementos explicativos atrelados ao item são eliminados (“brasileiro” e “de Hipólito da Costa”), trata-se de uma elisão. Como esses elementos explicativos ocorrem também em outro momento e são preservados, não se considerou essa elisão prejudicial ao caráter didático do livro.

- Quanto à eliminação do item, não foram vistos motivos para o apagamento do trecho. Após o levantamento e a análise dos ICEs, obteve-se o seguinte resultado (xxx, 2017): estratégias de conservação foram empregadas 245 vezes, e estratégias de substituição, 113 vezes. Abaixo, um quadro da estratégia mais utilizada à menos utilizada.

Tabela 1: Frequência das estratégias utilizadas na tradução da obra *1808*.

Estratégias	Ocorrências/frequência
Repetição	122 vezes
Tradução linguística	69 vezes
Universalização absoluta	37 vezes
Naturalização	36 vezes
Adaptação ortográfica	34 vezes
Eliminação	25 vezes
Explicação intratextual	20 vezes
Sinônimo	10 vezes
Universalização limitada	4 vezes
Criação autônoma	1 vez
	Total: 358

Fonte: xxx, 2017, p. 144.

Também classificaram-se dois casos como técnicas de Hurtado Albir (2011): uma elisão e uma descrição (esta ocorre quando a palavra/expressão é trocada por sua descrição). Não foram encontrados casos de explicação extratextual; concorda-se com essa escolha, pois o livro já apresenta inúmeras notas referentes às fontes consultadas pelo autor.

Um maior número de estratégias de conservação pode passar a impressão de que a tradução não está acessível, porém acredita-se, a partir da análise, que a tradução linguística, a explicação intratextual e a adaptação ortográfica podem contribuir para uma tradução acessível. Além disso, muitas vezes a repetição ocorre em contextos que, já no texto original, fornecem informações sobre o item.

Por ser um livro-reportagem sobre a história do Brasil, considera-se satisfatório o resultado: o maior uso de estratégias de conservação e a suposição de que elas, em geral, não

diminuem o caráter didático da obra. Acredita-se que a tradução do livro *1808* para o inglês estadunidense cumpre sua finalidade, respeita a função da obra e as características do gênero textual, além de ser acessível ao público estadunidense.

A função da obra *1808* é apresentar esse capítulo da história brasileira de forma acessível para um público leigo, a finalidade da tradução da obra também é essa, mas direcionando o texto aos estadunidenses. Com base nos dados coletados, acredita-se que há um equilíbrio nas escolhas do tradutor: há um maior uso de estratégias de conservação, porém se trata de um texto sobre a história brasileira e seria incoerente “americanizar” demais o texto. Além disso, a ideia de que estratégias de conservação contribuem para um texto menos acessível pode ser um equívoco. Por exemplo, a adaptação ortográfica “baiano/Bahian” parece ajudar o leitor estadunidense a se situar na cultura brasileira ou, pelo menos, não dificulta sua compreensão mais do que utilizar uma repetição (manter a palavra “baiano”). Acrescente-se também que a obra *1808* já apresenta uma linguagem acessível em português, e supõe-se que o tradutor não desconsiderou isso no momento de traduzir os ICes; pelo contrário, em geral, quando necessário, ele possivelmente aproximou o leitor estadunidense do texto, utilizando estratégias de substituição ou as estratégias de conservação mais úteis para o entendimento do leitor.

O público-alvo da obra *1808* são os estadunidenses e, como disse Laurentino Gomes em entrevista mencionada anteriormente, é preciso considerar a falta de conhecimento que esse público em geral tem sobre a história e a cultura brasileiras. O tradutor demonstrou esse cuidado na tradução dos ICes; nos momentos em que opta por utilizar referências que aproximem o leitor do texto, elas são próprias da cultura estadunidense ou mais próximas a ela, a naturalização “cachaça/rum” por exemplo. Então não houve negligência em relação ao quesito “para quem se está traduzindo”, a tradução dos ICes contempla isso.

O gênero textual da obra *1808* é o livro-reportagem. Como visto, esse gênero objetiva desenvolver pesquisas mais detalhadas do que o jornalismo convencional. De acordo com os parâmetros de Ciapuscio (2003), considerou-se que o livro *1808* apresenta baixo grau de especialidade textual. A tradução dos ICes mostrou-se compatível com essa proposta, pois não foram utilizados termos mais técnicos ou acadêmicos que seriam inapropriados para apresentar a história a um público amplo e leigo.

Acredita-se que é preciso priorizar a compreensão do leitor quando se traduz um texto, afinal um texto é escrito para ser lido e compreendido por outras pessoas. De nada adianta

escrever um texto com linguagem acadêmica se é direcionado a leitores leigos no assunto. Se não há uma preocupação em entender o que se quer com o texto e com a tradução, quem é o leitor e que tipo de linguagem precisa ser utilizada para a comunicação fluir, corre-se o risco de confundir o leitor ou de ele perder o interesse no texto. No caso da tradução da obra *1808*, especificamente em relação aos ICEs, a análise indicou que esses fatores foram considerados.

Considerações finais

Nesse artigo foram apresentados os principais resultados de uma dissertação sobre os problemas de tradução gerados por ICEs do português brasileiro para o inglês estadunidense. O objeto de estudo utilizado para tal dissertação foi o livro-reportagem *1808*. Assim, a pesquisa contempla a análise da tradução de ICEs presentes nessa obra. Para tanto, foi necessário adotar uma perspectiva de tradução, escolhendo-se a de Hurtado Albir (2011), que defende o respeito ao gênero textual, ao público-alvo e à finalidade da tradução. A obra *1808* é um livro-reportagem, com baixo grau de especialidade textual e a finalidade de sua tradução é, acredita-se, entregar um texto acessível aos estadunidenses. Também foi considerada a função, em conformidade com os ideais de Nord (2016), que na obra é direcionar o seu conteúdo a leitores leigos.

Uma palavra/expressão pode ser entendida como ICE – termo de Franco Aixelá (2013) – somente a partir do contexto em que está inserida e do par de línguas envolvido. Adotou-se esse conceito na referida busca, assim como as estratégias de tradução de Franco Aixelá (2013) para a classificação posterior das escolhas tradutórias observadas. Utilizaram-se técnicas de Hurtado Albir (2011) para complementar essa classificação. A metodologia escolhida, e apresentada acima, atendeu às necessidades da pesquisa e possibilitou a coleta de modo a abarcar todos os ICEs. Nesse breve estudo, apresentou-se uma análise sintetizada: somente quatro itens. Contudo, na dissertação, constatou-se que estratégias de conservação foram empregadas 245 vezes e estratégias de substituição, 113 vezes, o que não significa que a tradução não está acessível, visto que se presume que o caráter didático da obra permanece. Também classificou-se um caso como elisão e um como descrição, técnicas de Hurtado Albir (2011).

A separação entre estratégias de conservação e de substituição proposta por Franco Aixelá (2013) teve um papel fundamental na organização da análise e na discussão dos resultados. Essa separação ajudou a visualizar melhor quais tipos de tradução têm um caráter

que indica mais aproximação com o público-leitor e quais parecem ter menos; além disso, mesmo dentro desses dois grupos, há diferentes graus de aproximação dependendo da estratégia.

Por fim, pensa-se que a tradução do livro *1808* é adequada quando analisada sob a perspectiva de tradução de Hurtado Albir (2011). Não há como contemplar, neste artigo, um trabalho de dissertação em que se analisam vários itens divididos em dezesseis categorias culturais. Aqui, o objetivo foi trazer, aos que buscam conhecer melhor o conceito de ICE, um apanhado geral do trabalho, que foi desenvolvido em detalhe. Por essa razão, convida-se o leitor que quer saber mais sobre a pesquisa a visitar a dissertação.

Espera-se, com esse trabalho, contribuir para a disseminação de conhecimento acerca da tradução de ICEs, tanto no meio acadêmico quanto no profissional, e impulsionar outras pesquisas sobre o tema, como a criação de glossários bilíngues, materiais de apoio ao tradutor, trabalhos que explorem outros gêneros textuais, entre outros. Além de incentivar a valorização do trabalho do tradutor, que não se trata apenas de ser fluente na língua, mas de ter um conhecimento técnico e de atentar para uma série de fatores relevantes para a comunicação efetiva do texto.

Referências

- BACALHAU. In: *Aulete digital*. [Rio de Janeiro]: Lexikon Editora Digital, [2017?]. Disponível em: <http://www.aulete.com.br/bacalhau>. Acesso em: 19 jun. 2018.
- BERTOLDI, Anderson. Semântica de Frames e tradução: um estudo da equivalência de termos culturalmente marcados. *Letras & Letras*, Uberlândia, n. 1, 2016. p. 149-169. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/letraseletras/article/view/33045/18694>. Acesso em 26 jun. 2019.
- CHESTERMAN, Andrew. *Memes of Translation: the spread of ideas in translation theory*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1997.
- CIAPUSCIO, Guiomar E. *Textos especializados y terminología*. Barcelona: IULA, 2003.
- CODFISH. In: *New Oxford American dictionary*. Apple Inc, c2005-2011. [Software, versão 2.2.1].
- CODFISH. In: *Merriam-webster*. [Springfield]: Merriam-webster, Incorporated, c2017. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/codfish>. Acesso em: 19 jun. 2018.
- DEGOES, Plinio T. *The 1824 confederation of the equator and cultural production in Brazil*. 2015. 181 f. Doctoral dissertation – Graduate School of Arts & Sciences, Harvard University, Cambridge, 2015. Disponível em:

<https://dash.harvard.edu/bitstream/handle/1/17467225/DEGOES-DISSERTATION-2015.pdf?sequence=1>. Acesso em: 20 jun. 2018.

ESPINDOLA, Elaine. *The use and abuse of subtitling as a practice of cultural representation: Cidade de Deus and Boyz 'n the hood*. 2005. 182 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pós-Graduação em Letras/Inglês e Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/103080/220924.pdf>. Acesso em 08 jun. 2018.

FRANCO AIXELÁ, Javier. Itens culturais-específicos em tradução. Tradução Mayara Matsu Marinho e Roseni Silva. *In-Traduções*, Florianópolis, v.5, n.8, 2013. p. 185-218. Disponível em: <http://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/intraducoes/article/viewFile/2119/2996>. Acesso em: 26 mai. 2018.

GOMES, Laurentino. *1808: como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil*. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

GOMES, Laurentino. *1808: the flight of the emperor – How a weak prince, a mad queen, and the British navy tricked Napoleon and changed the New World*. Tradução Andrew Nevins. Guilford: Lyons Press, 2013.

HERMANS, Theo. On Translating Proper Names, with Reference to De Witte and Max Havelaar. In: WINTLE, Michael (ed.). *Modern Dutch Studies*. London: Athlone, 1988. p. 11-13.

HERRERO RODES, Leticia. *La traducción entre culturas: la traducción de los marcadores culturales específicos em la novela angloindia de la década de los noventa*. 1999. 503 f. Tese (Doutorado em Letras) – Departamento de Filología Inglesa, Universidad de Alicante, Alicante, 1999. Disponível em: <http://rua.ua.es/dspace/handle/10045/3608>. Acesso em: 28 mai. 2018.

HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. 5. ed. Madri: Cátedra, 2011 [2001].

HURTADO ALBIR, Amparo. *Traducción y traductología: introducción a la traductología*. Madri: Ediciones Cátedra, 2013 [2001].

LIMA, Edvaldo Pereira. *O que é Livro-Reportagem*. São Paulo: Brasiliense, 1993.

LÖRSCHER, Wolfgang. *Translation performance, translation process and translation strategies*. Tübingen: Gunter Narr Verlag, 1991.

MENEGOTTO, Fernanda Nunes. *Mais referências que um episódio de Gilmore Girls: uma análise dos itens culturais na tradução para legendagem*. 2016. 61 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/157759/001019102.pdf?sequence=1>. Acesso em 02 mai. 2018.

NEWMARK, Peter. *Manual de traducción*. 6. ed. Madri: Cátedra, 2010 [1992].

NORD, Christiane. *Análise textual em tradução: bases teóricas, métodos e aplicação didática*. São Paulo: Rafael Copetti Editor, 2016.

PACTE. (BEEBY, A.; FERNÁNDEZ, M.; FOX, O.; HURTADO ALBIR, A.; KUZNIK, A.; NEUNZIG, W.; RODRÍGUEZ-INÉS, P.; ROMERO, L.; WIMMER, S. Investigadora principal: HURTADO ALBIR, A.). Results of the Validation of the PACTE Translation Competence Model: Translation

Problems and Translation Competence. In: ALVSTADA, Cecilia; HILD, Adelina; TISELIUS, Elisabet (ed.) *Methods and Strategies of Process Research: Integrative Approaches in Translation Studies*. Amsterdam: John Benjamins, 2011. p. 317-343.

SCARAVELLI, Gisele. Laurentino Gomes lança '1889' em Itu. *Revista Regional*, 2013. Disponível em: <http://revistaregional.com.br/site/2013/09/19/laurentino-gomes-lanca-1889-em-itu/>. Acesso em: 14 jun. 2018.

TERRA, Eloy. *As ruas de Porto Alegre*. Porto Alegre: AGE LTDA., 2001.

VERMEER, Hans J. Translation theory and linguistics. In: ROINILA, Pauli; ORFANOS, Ritva; TIRKKONEN-CONDIT, Sonja (eds.). *Häkökohtia kääntämisen tutkimuksesta*. Joensuu: University, 1983. p. 1-10.

WAQUIL, Marina Leivas. *Tradução de Textos Especializados: unidades fraseológicas especializadas e técnicas tradutórias*. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/72737/000883531.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 30 mai. 2018.

WAQUIL, Marina Leivas. *Traduzindo "Traducción y Traductología": problemas terminológicos de tradução*. 2017. 328 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

Disponível em:

<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/166273/001027759.pdf?sequence=1>. Acesso em 30 mai. 2018.

XATARA, Cláudia; RIVA, Huéinton Cassiano. Os culturemas nas expressões idiomáticas. In: PLANTIN, Rosemeire Selma Monteiro (Org.). *Certas palavras o vento não leva: homenagem ao professor Antonio Pamies Bertrán*. Fortaleza: Parole, 2015. p. 287-298.